

NELSON L. ESTEVES

# DIÁRIO QUASE FILOSÓFICO

[2016-2020]



5 LIVROS

---

## **Diário Quase Filosófico**

Nelson L. Esteves

© Nelson L. Esteves, 2021. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.

Revisão: Do autor

Ilustração da capa: [www.depositphotos.com](http://www.depositphotos.com)

Impressão e acabamento: Líberis – Print on demand

1.ª Edição: Setembro de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-360-2

ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-361-9

Depósito Legal N.º 487436/21

## **5 LIVROS**

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

[www.5livros.pt](http://www.5livros.pt)

[info@5livros.pt](mailto:info@5livros.pt)

---

---

À minha Ângela, cuja demência me fez amá-la mais.

Ao nosso filho Paulo que, como eu, gosta de filosofia.

Ao meu avô materno, António de Lemos Coelho, homem de vários talentos que a sociedade não soube aproveitar.



---

## Índice

Nota Introdutória .....	13
Ano 2016 .....	19
Ano 2017 .....	87
Ano 2018 .....	147
Ano 2019 .....	211
Ano 2020 .....	275
Apêndice .....	337
Lista das obras referidas .....	349



---

“A minha religião é muito simples. A minha religião é a gentileza.” (Dalai Lama)

Quem não gosta de dar, normalmente não gosta de pedir.

“Vivo desassossegado e escrevo para desassossegado.”  
(José Saramago)

“Ah, Sim! Mas eu acredito na eternidade do espírito e na divindade das coisas. Creio que cada realidade perecível tem a sua projecção divina imperecível, como o corpo maciço tem uma sombra espalmada.” (Miguel Torga)

A Verdade está escrita no livro de todas as possibilidades  
– a Consciência Cósmica.

“O único vício saudável é o amor.” (José Mujica)

“Vamos investir primeiro em educação, segundo em educação, terceiro em educação. Um povo educado tem as melhores opções na vida, e é muito difícil que os corruptos mentirosos o enganem.” (José Mujica)

As guerras e a pena de morte existem porque há homens capazes de matar outros seres humanos.

“Não é mais rico quem tem mais, mas quem precisa de menos.” (Pensamento budista)

“He who believes in freedom of the human will has never loved and never hated.” (Marie von Ebner-Eschenbach, in “Aphorisms”)

“A work of art is one through which the consciousness of the artist is able to give its emotions to anyone who is prepared to receive them. There is no such thing as bad art.” (Muriel Rukeyser)

O sentido da beleza é a essência da natureza humana. Sem arte não há humanidade.

“The one thing we can never get enough of is love. And the one thing we never give enough is love.” (Henry Miller)

---

## Nota Introdutória

Este volume é a continuação de um diário que comecei a redigir nos últimos anos da década de 90. Como expliquei nos volumes anteriores, [1] e [2], o objectivo deste diário é dar uma descrição sucinta da minha visão do mundo, construída com base nas peripécias da vida e em leituras de índole filosófica e científica (e não só). A publicação do presente volume, que contém as reflexões dos últimos cinco anos (de 2016 a 2020), deixará um hiato de cinco anos no diário (o período de 2011 a 2015). Os textos destes cinco anos estão ainda numa forma muito incipiente, e vão exigir um trabalho de preparação bastante longo, pelo que decidi adiar a sua publicação, porque não quero adiar a homenagem que quero fazer à “minha Ângela” com o presente volume.

Os principais temas aqui tratados são, como nos dois volumes anteriores, os problemas de Deus, do livre-arbítrio, do mal, da mente e do sentido da vida.

Acho conveniente analisar aqui duas das metáforas usadas neste diário para referir Deus. Numa delas, Deus é entendido como a resposta à última pergunta que podemos fazer sobre o mundo. Como explicarei adiante, há razões para pensar que o mundo tem uma complexidade infinita, o que permitirá fazer um número infinito de perguntas. No entanto, o homem só poderá fazer um número finito de perguntas, porque tem uma mente limitada. A resposta à última pergunta, em qualquer domínio do

pensamento, é o que os filósofos chamam Deus da Razão. Este é um conceito puramente lógico, sem nenhuma relação directa com os sentimentos humanos.

Recentemente convenci-me de que pensar Deus sem referência às relações entre os homens só pode conduzir a conceitos com pouco interesse, porque não contribuem para melhorar a vida humana. Por isso acho preferível pensar Deus como uma ideia que se concretiza nas relações de amor e respeito entre os seres humanos. Estes, e quaisquer outros seres conscientes e sensíveis que existam no Universo, tornam assim possível a existência de Deus. Obviamente, esta maneira de olhar Deus exige a admissão de uma entidade que seja a sede de todas as possíveis ideias e formas, e que portanto permita o aparecimento de seres conscientes e sensíveis. No entanto, esta entidade imaterial (ou espiritual), que aparece já nos dois volumes anteriores com o nome Espírito Universal (ou Consciência Cósmica), não pode ser identificada com Deus, porque não permite apenas os génios da bondade mas também os génios do mal. A capacidade de inventar que a vida mostra e a vontade de sobreviver de cada ser vivo são para mim a melhor prova da existência do Espírito Universal.

Devo notar que, apesar de preferir a segunda maneira de olhar Deus – que podemos chamar Deus do Amor –, quando apresento o pensamento de outros sobre Deus, a metáfora que se ajusta melhor ao texto é normalmente o Deus da Razão.

Nos dois volumes anteriores, a natureza aleatória e caótica do Universo é por vezes invocada para explicar alguns aspectos da vida humana, e o mesmo acontece neste volume. A expressão “natureza aleatória” refere a influência do acaso sobre a evolução da realidade, chamando acaso ao indeterminismo do Universo, que explica a existência de erros de previsão; por outro lado, a expressão “natureza caótica” exprime o facto de erros aparentemente

insignificantes poderem ter consequências de grande relevância e frequentemente desastrosas.

Júlio César notou que, *“na guerra, acontecimentos importantes são frequentemente o resultado de causas triviais”*. Mas o mesmo acontece em todos os aspectos importantes da vida.

De acordo com a Mecânica Quântica, não é possível medir todas as propriedades de uma dada partícula elementar da matéria com a mesma precisão. (Este é o chamado Princípio da Incerteza de Heisenberg.) Deste modo haverá sempre incerteza quanto ao estado actual de qualquer parcela do Universo (incerteza quântica). As leis da Mecânica Quântica são leis estatísticas que apenas podem dar as probabilidades dos possíveis estados actuais e futuros de um sistema quântico. Nestas condições, a previsão da evolução de um processo natural contém sempre um erro, que podemos chamar ruído de fundo universal. Alguns fenómenos são capazes de amplificar este ruído a ponto de tornar impossível prever a longo prazo o comportamento de sistemas macroscópicos. Exprime-se este facto dizendo que o Universo é indeterminista, ou que está sujeito à acção do acaso.

A capacidade de amplificar o ruído de fundo universal é a característica definidora dos chamados sistemas caóticos (Wikipédia, entrada “Teoria do Caos”). Estes sistemas podem portanto potenciar o acaso como causa de alterações da realidade que, para o homem, podem ser boas ou más. No entanto, dado que as maneiras de errar são muito mais numerosas do que as de acertar, o acaso origina mais mal do que bem.

Por serem caóticos, os sistemas complexos são frágeis e é razoável esperar que um aumento da complexidade os torne mais frágeis. É assim expectável que a globalização crescente vá provocar fenómenos de instabilidade social e financeira com consequências cada vez mais desagradáveis para muita gente. Os sistemas mais complexos têm uma propensão maior para a desregulação,

o que explica, por exemplo, a maior dificuldade de prever e compreender o comportamento humano, quando comparado com o dos outros animais.

A experiência mostra que, num período de tempo suficientemente longo, qualquer aspecto da realidade flutua erraticamente, porque o suporte material dessa realidade tem uma natureza aleatória e caótica. Deste modo, qualquer ideia de progresso social constante será sempre duvidosa. Num mundo aleatório e caótico, a catástrofe está sempre à espreita, porque mais tarde ou mais cedo são atingidos equilíbrios de grande instabilidade que podem romper-se de forma abrupta e violenta. Metaforicamente podemos dizer que por vezes *a realidade desequilibra-se e cai*. Às “quedas” mais violentas costumamos chamar catástrofes. Tanto o início como a intensidade de uma catástrofe são imprevisíveis, pelo que, quando ela começa, pode ser já tarde para tomar medidas eficazes. As catástrofes de génese caótica lembram-me a fábula da rã que foi cozida sem dar por isso [3]: o começo é quase imperceptível, o desenvolvimento pode ser lento, e o desfecho é abrupto e brutal. A morte é normalmente uma catástrofe deste tipo.

A Humanidade não tem capacidade para controlar eficazmente a evolução de algumas dessas situações, o que permite compreender que a cultura que produziu Bach e Goethe tenha estado na origem do Holocausto. Um mundo aleatório e caótico é necessariamente irracional porque um acto quase insignificante, praticado com a melhor das intenções, pode alterar drasticamente o trajecto de uma pessoa e conduzi-la à desgraça.

Apesar dos enormes progressos da ciência e da tecnologia durante os últimos séculos, as calamidades “da fome e das múltiplas espécies de segregação subsistentes conduzem à inquietante constatação de que nunca houve, simultaneamente, tanta riqueza nem tanto sofrimento sobre a Terra” (Viriato Soromenho-Marques,

in [4, p. 129]). Aqueles flagelos, e as instabilidades climáticas e ecológicas, colocam a Humanidade perante vários equilíbrios altamente instáveis que podem romper-se a qualquer momento, com grande alarido e muito sofrimento. Não é possível prever o que virá a seguir porque, em condições de elevada turbulência como parecem ser as actuais, a natureza aleatória e caótica dos sistemas naturais não permite previsões de longo prazo suficientemente rigorosas. Se os homens continuarem a desrespeitar a Natureza como nas últimas décadas, o colapso da civilização (ou até mesmo a extinção da espécie) tornar-se-á cada vez mais provável.

Para os leitores que pretendam uma explicação mais detalhada sobre a natureza aleatória e caótica do Universo é incluído no fim deste volume um apêndice sobre o assunto (que é idêntico ao apêndice do segundo volume).

Algumas expressões e citações incluídas neste livro são apresentadas no idioma original a fim de facilitar a pesquisa na Internet.

Resta-me desejar que, no meio da muita escória que este livro contém, o leitor consiga encontrar nele algumas “pepitas de ouro” que compensem o seu esforço. Um dos objectivos deste diário tem sido registar e comentar algumas das “pepitas” que encontrei nas obras que fui lendo.



---

## Ano 2016

1. Perante uma realidade demasiado complicada para a sua inteligência, o homem costuma adoptar o seguinte critério: “*o que favorece o meu clã é justo, o que o prejudica é injusto*”. Uma vez que, nos diferendos mais difíceis, ninguém consegue propor uma solução que todos considerem imparcial, se os mais fracos não cederem, os mais fortes optarão normalmente por soluções violentas.
2. Em minha opinião, o comportamento de todos os sistemas materiais é regulado por uma entidade imaterial – a Consciência Cósmica (ou Espírito Universal)–, que é a sede todas as possíveis ideias e formas, de toda a matemática e de todas as leis naturais. Esta entidade é indissociável da matéria-energia e pode ser imaginada como um “campo de informação activa”, no sentido que é dado a esta expressão em [5]. Podemos dizer que ela dá a cada ser uma essência e também o “conatus”, no sentido que Espinosa deu a esta palavra: determinação para cumprir a essência.  
De acordo com o Primeiro Teorema da Incompletude de Kurt Gödel (Wikipedia, entrada “Gödel’s incompleteness theorems”), a matemática é uma estrutura de complexidade infinita que não pode ser deduzida de um número finito de axiomas. Uma vez que a Consciência Cósmica inclui a matemática, podemos concluir que o Universo tem complexida-

de infinita (isto é, não pode ser descrito exhaustivamente por uma quantidade de informação finita). Assim, é de esperar que a Consciência Cósmica permita o aparecimento de um número infinito de formas estruturais diferentes, algumas delas com propriedades inimagináveis.

Um dos maiores objectivos dos físicos tem sido, desde há várias décadas, a descoberta de uma “Teoria de Tudo” (Wikipedia, entrada “Theory of everything”) capaz de unificar as quatro forças da Física (forças gravitacional, electromagnética, nuclear forte e nuclear fraca) num único campo fundamental. De acordo com o referido teorema de Gödel, a Teoria de Tudo (TdT) exigirá um número infinito de axiomas, por ser uma teoria matemática com a complexidade exigida por aquele teorema. Se este raciocínio estiver correcto, podemos tirar duas conclusões: a TdT não poderá nunca ser formulada (esta é a opinião de Stephen Hawking, referida no artigo da Wikipedia acima indicado); e existe a possibilidade de a descrição exacta do Universo exigir um número infinito de leis naturais. Este raciocínio é apresentado no artigo [6].

3. As culturas humanas foram construídas lenta e penosamente ao longo de milhares de anos, e mesmo assim são imperfeitas. Não podemos culpar os indivíduos pelo mal que fazem. A culpa é da cultura, das sociedades, que não os educam convenientemente, e do acaso, que causou neles defeitos mentais. Algumas pessoas levam muitos anos a compreender que o melhor da vida é o amor e o respeito que dedicamos uns aos outros. E muitas talvez morram sem o compreender. Não consigo encontrar um responsável para o bem ou o mal que me acontece. Por isso culpo o acaso. Vivemos num mundo que o acaso torna medíocre, confuso e arbitrário.

Não me orgulho de ser o que sou, porque não escolhi sê-lo. Mas considero que tive sorte por algumas das minhas qualidades e sinto-me triste por alguns defeitos. Nem sequer me orgulho dos meus melhores pensamentos, mas sinto-me feliz por a Consciência Cósmica me ter permitido pensá-los. Ninguém merece a sorte nem o azar que tem. Como se pode merecer algo que sofreu a intervenção do acaso?

Não vale a pena procurar as razões da existência e das capacidades do homem. Se elas existirem, estão na Consciência Cósmica, que é incognoscível. Alguém espera encontrar as razões da capacidade de imitação dos papagaios?

4. Para Daniel Dennett, a consciência é uma “propriedade emergente” do cérebro, isto é, uma propriedade que emerge das interacções entre as respectivas células, do mesmo modo que as propriedades do hidrogénio emergem da interacção dum protão com um electrão. Dennett diz que não é necessário invocar nenhum “fantasma na máquina” (ghost in the machine) para explicar a consciência. Mas dizer que a consciência é uma propriedade emergente explica muito pouco. Já alguém explicou como a interacção de um protão com um electrão dá as propriedades do hidrogénio e não outras? Acredito que estas propriedades são devidas à acção da Consciência Cósmica, que é um “fantasma na máquina” puramente físico. Como não conhecemos todas as potencialidades da Natureza não podemos dizer o que é ou não sobrenatural.
5. A selecção natural está plenamente activa na sociedade actual. Basta ver a competição que se estabelece entre as empresas e os países. Estamos perante uma autêntica guerra de vida ou morte que constantemente faz desaparecer empresas e que acabará por fazer desaparecer alguns países.

O sistema económico vigente na maior parte dos países deveria chamar-se darwinista e não capitalista. O que se observa nas nossas sociedades é essencialmente o mesmo que se observa na selva, onde os mais fortes acabam por comer os mais fracos. O nosso cérebro foi desenvolvido num ambiente de selecção natural e parece ser incapaz de imaginar outro ambiente.

Num mundo darwinista, o que pode fazer alguém que abomina a competição?

6. A sociedade da antiga Esparta era puramente darwinista: as crianças que nasciam com claras deficiências eram atiradas de um precipício ou abandonadas. A vida só tinha dois objectivos importantes: procriar e combater. A filosofia dos espartanos era coerente, embora desumana. Eram mais coerentes do que nós, que frequentemente abandonamos os menos capazes a uma vida de miséria e frustração.
  
7. Não sei se a Humanidade conseguirá tornar-se humana mas estou certo de que ainda não o é. Só o será quando a maioria dos indivíduos for capaz de tratar qualquer outro como uma parte de si mesmo e não como um competidor. Este ponto de vista implica que um mal infligido a outrem deve ser considerado como sendo feito a nós próprios.  
Para um homem que aceita as normas darwinistas, a vida é um jogo. Por isso esse homem tende a desprezar os que não conseguem competir com ele.  
Na lotaria, os que ganham recebem o dinheiro dos que não ganham. Na vida, os mais dotados recebem mais porque os outros recebem menos. Os jogos são parecidos, só a roleta é diferente.

*“How delightful to find a friend in everyone.”* (Joseph Brodsky)

*“Should the truth about the world exist, it is bound to be non-human.”* (idem)

*“A creative man is motivated by the desire to achieve, not by the desire to beat others.”* (Ayn Rand)

Ninguém consegue melhorar a sua natureza sem o auxílio de uma sociedade minimamente sã.

8. Estou firmemente convencido de que, na maior parte das situações, as nossas vidas mudariam muito se tivéssemos capacidade para as submeter a uma crítica racional profunda. Na construção de um ser humano é necessário educar simultaneamente a sensibilidade e o sentido crítico. Quem nunca duvida das suas opiniões não tem sentido crítico. Alguns pontos de vista só nos parecem evidentes porque não somos capazes de criticá-los devidamente.

Para compreender o comportamento dos bombistas suicidas tenho de os considerar dotados de uma sensibilidade fortemente doentia e de uma capacidade crítica insignificante. De facto, a ideia de que o sofrimento alheio pode aliviar o nosso é perfeitamente irracional.

Todo o ser humano cumpre uma natureza que não é capaz de definir [7, p. 89].

9. Há quem diga que o sucesso na vida é uma recompensa que é dada a alguns pelas suas qualidades – inteligência, nível de educação, perseverança, etc. Parece assim que estas qualidades foram conseguidas por eles. Mas normalmente falta-lhes a melhor qualidade – a de conseguir servir a sociedade sem necessidade de uma recompensa que lhes dê vantagens relativamente às pessoas comuns. Ora, sem esta

qualidade, a sociedade será sempre uma farsa deprimente e a vida será um jogo em que todos acabam por perder (embora alguns percam mais porque perdem durante mais tempo). Só uma educação cuidada pode dar essa qualidade a um ser humano, se a sua mente assimilar o que lhe for ensinado.

Os filósofos podem passar todo o seu tempo a escrever sobre o sentido da vida e a melhor maneira de a viver. No entanto, a maior parte das pessoas continuará a ignorar todas as filosofias e a viver de acordo com critérios que as relações sociais e a propaganda mediática lhe ensinam.

10. Numa sociedade capitalista, o progresso tecnológico não é normalmente determinado pelos interesses da maioria dos cidadãos mas pelas oportunidades de negócio de alguns. Essa sociedade é baseada nas tendências egoístas do homem e por isso estimula estas tendências, dificultando assim o progresso moral dos cidadãos.

A escassez de recursos e a necessidade cada vez mais premente de controlar a poluição irão impedir que as pessoas possam produzir e consumir o que quiserem, o que irá acabar com o capitalismo, que se baseia num conceito de liberdade fortemente egoísta. Materialmente, a vida humana terá de ser cada vez mais sóbria, o que criará a necessidade de valorizar os bens espirituais.

Para se tornar livre, o homem deve libertar-se do egoísmo: tudo o que faz deve fazê-lo, em primeiro lugar, pelos outros. O egoísta está aprisionado em si mesmo e portanto não é livre.

11. Dizer que o sofrimento pode dar sentido à vida é uma insensatez. O sofrimento exprime a nossa impotência perante